

# INFORME RURAL ETENE

ANO 2, Nº 08– AGOSTO/2008

## O MERCADO DA UVA E DO VINHO NO BRASIL: PROBLEMAS COM CÂMBIO E IMPORTAÇÕES

Wendell Márcio Araújo Carneiro  
Economista, Mestre em Economia Rural e  
Pesquisador do ETENE. Fone: (85)3299-3461. Fax: (85)3299-  
3474.  
[wendellmac@bnb.gov.br](mailto:wendellmac@bnb.gov.br)

### 1 – INTRODUÇÃO

Considerado um mercado promissor no Brasil, a vitivinicultura tem passado por algumas dificuldades nos últimos anos. Do lado da uva, os produtores reclamam que suas exportações têm sofrido perdas em função da apreciação do Real frente ao Dólar, enquanto do lado do vinho, as importações têm forçado os produtores nacionais a reduzirem preços para concorrerem com os vinhos argentinos e chilenos.

Essas reclamações são pertinentes, considerando que o câmbio tem se valorizado nos últimos anos. Porém, outros fatores que influenciam a rentabilidade do produtor também devem ser levados em conta. Deve-se verificar qual foi o comportamento dos preços externos desses produtos, bem como o impacto dos custos de produção nos gastos totais dos produtores, uma vez que alguns insumos são importados. Dessa maneira, poderá se ter uma idéia mais aproximada das reais perdas ou ganhos da atividade.

Neste trabalho, dá-se uma visão geral sobre o comportamento da produção nacional de uvas e seus derivados, sua comercialização e os reflexos da variação cambial e das importações sobre o setor.

### 2 – PRODUÇÃO NACIONAL DE UVAS E SEUS DERIVADOS

A produção brasileira de uvas evoluiu substancialmente de 2000 a 2008, crescimento de 33,8%, de 1,02 milhão para 1,37 milhão de toneladas. A produção tem se concentrado nos estados da Região Sul. Em 2008, o IBGE estimou a produção dessa Região em 895,7 mil toneladas (Gráfico 1). A Região Sudeste, que era a segunda maior produtora nacional, decresceu sua produção em -5,7% (de 210,6 mil para 198,7 mil toneladas, de 2000 a 2008), perdendo esta colocação para a Região Nordeste, cuja produção alcançou 276,6 mil toneladas em 2008 (76,5% em relação a 2000). Vale destacar o forte crescimento anual na produção de uva naquela Região, de 7,7% de 2000 a 2008, superior ao crescimento anual observado no Sul (4,0%) e no Brasil (3,7%). O Estado do Rio Grande do Sul é o maior produtor nacional de uvas, com previsão de 771,7 mil toneladas para 2008, ou seja, 56,3% da produção nacional, em sua maioria direcionada para a produção de vinhos.

---

(\*) Coordenador da COERG: Airton Saboya Valente Júnior

(\*) Revisão vernacular: Hermano José Pinho

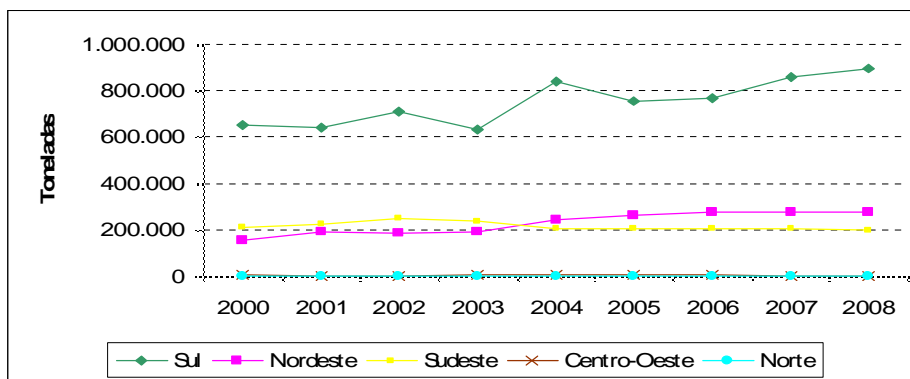


Gráfico 1 – Produção Nacional de Uvas, por Região Geográfica, de 2000 a 2008.  
Fonte: Elaborado pelo autor com base em IBGE (2008a; 2008b).

Os estados do Nordeste com maiores destaques na produção de uvas são Pernambuco e Bahia, de pouco expressivos no início da década de 1990, para grandes produtores nacionais em 2008. Naquela década, a representação era de 1,8% para ambos os estados. Já em 2008, os estados de Pernambuco e Bahia representam 11,5% e 8,7% da produção nacional, respectivamente. Os estados do Ceará, da Paraíba e do Piauí também são produtores de uvas, mas pouco representativos, com menos de 2,0% da produção regional, em 2007. Na Região Sudeste, São Paulo (184,9 mil toneladas – 93,1% da Região) e Minas Gerais (13,8 mil toneladas – 6,9% da Região) são os maiores produtores (IBGE, 2008a).

Espera-se que em 2008 haja um pequeno decréscimo na área plantada do País, de -1,2%, influenciado pelas reduções de áreas do Sudeste (-10,5%) e Nordeste (-7,5%) do País, justamente as duas maiores regiões produtoras de uvas de mesa (IBGE, 2008b).

Quanto aos derivados da uva<sup>1</sup>, percebe-se desempenho positivo para a produção dos sucos e outros derivados, diferentemente dos vinhos (Gráfico 2). O suco de uva simples obteve o melhor desempenho, com aumento de 185,9% entre 2000 e 2007 (de 3,6 milhões para 10,2 milhões de litros). O suco concentrado teve sua produção acrescida em 37,0% e outros derivados em 53,6%, no mesmo período.

O vinho de mesa teve comportamento oscilante em sua produção no período analisado, alcançando 275,3 milhões de litros em 2007, apenas 0,8% superior a 2000. O vinho fino teve um comportamento ainda pior, decrescendo sua produção para 46,2 milhões de litros em 2007, ante 56,2 milhões de litros em 2000, decréscimo de 23,2%. Importante frisar que estes valores foram influenciados pelo mau desempenho na produção de vinho fino branco, com queda de 52,4% no mesmo período, enquanto os vinhos finos tintos apresentaram tendência de produção completamente diferente, alta de 33,6%, o que fez mudar o perfil dos vinhos finos produzidos no Rio Grande do Sul. Em 2000, os brancos representavam 65,8% dos vinhos finos, passando a apenas 40,6% em 2007, enquanto os tintos passaram de 33,0% para 57,4% no mesmo período.

<sup>1</sup> Aqui se está trabalhando com a produção de derivados de uva do Rio Grande do Sul por este estado representar aproximadamente 90,0% da produção nacional de vinhos e mais da metade da uva produzida no País, o que não inviabiliza a análise.

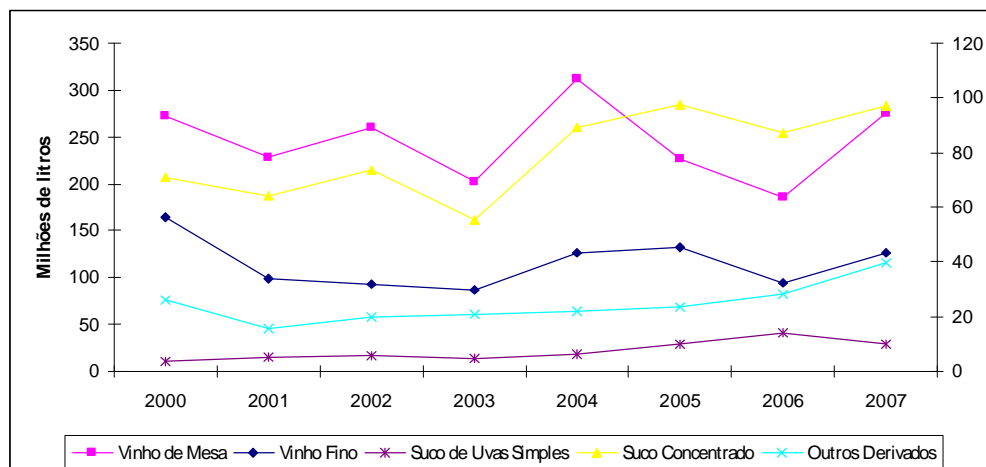


Gráfico 2 – Produção do Estado do Rio Grande do Sul de Derivados de Uva, de 2000 a 2008.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em MELLO (2008a; 2008b; 2008c).

Nota: A escala para a produção de Vinho de Mesa baseia-se na coluna da esquerda, pelo seu elevado volume em comparação aos outros derivados, que estão com escala baseada na coluna da direita.

### 3 – MERCADO BRASILEIRO DA UVA E SEUS DERIVADOS

A maior parcela das uvas produzidas no Brasil destina-se ao mercado interno. Apesar disso, o País tem ocupado um espaço crescente nas exportações de uvas de mesa e suco de uvas. Na Tabela 1, observa-se que, no ano de 2007, 637,1 mil t de uvas foram destinadas para o processamento na agroindústria, o que equivale a 47,0% da produção nacional, enquanto o consumo *in natura* representou 53,0% da produção (717,8 mil t). Vale destacar a evolução das exportações nacionais nesse período. Enquanto a produção evoluiu 4,8% a.a., as exportações cresceram em média 27,6% a.a., saltando de 14,3 mil para 79,0 mil toneladas (Gráficos 3 e 4).

TABELA 1 – Produção, Importação, Exportação e Consumo de Uvas no Brasil, em Toneladas – 1990 – 2007

Ano	Produção	Exportação	Importação	Consumo Agroindústria	Consumo In
2000	978.577	14.343	9.903	549.306	424.831
2001	1.062.81	20.660	7.457	469.098	580.516
2002	1.120.57	26.357	11.003	506.799	598.421
2003	1.054.83	37.601	8.612	425.946	598.899
2004	1.281.80	28.815	6.072	624.450	634.609
2005	1.246.97	51.213	8.387	550.700	696.246
2006	1.220.18	62.250	12.106	470.705	757.685
2007	1.354.96	79.081	15.550	637.125	717.835

Fonte: MELLO (2008a; 2008b; 2008c).

Nota: Dados estimados pela autora.

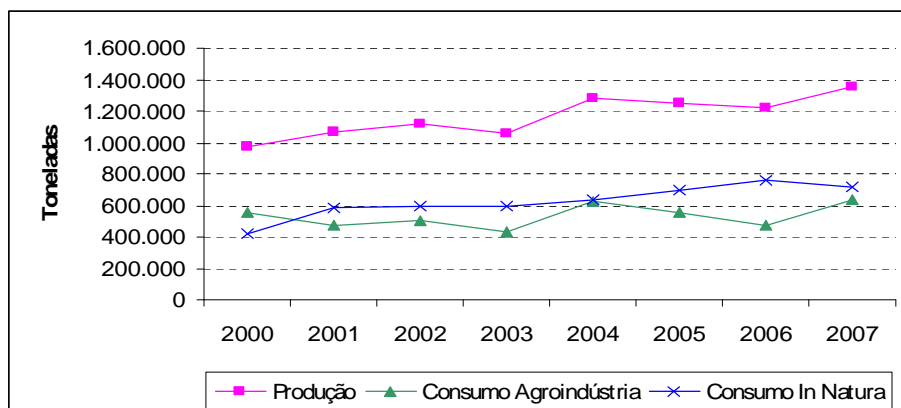


Gráfico 3 – Produção Brasileira, Consumo da Agroindústria e Consumo In Natura, de 2000 a 2007.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em MELLO (2008a; 2008b; 2008c).

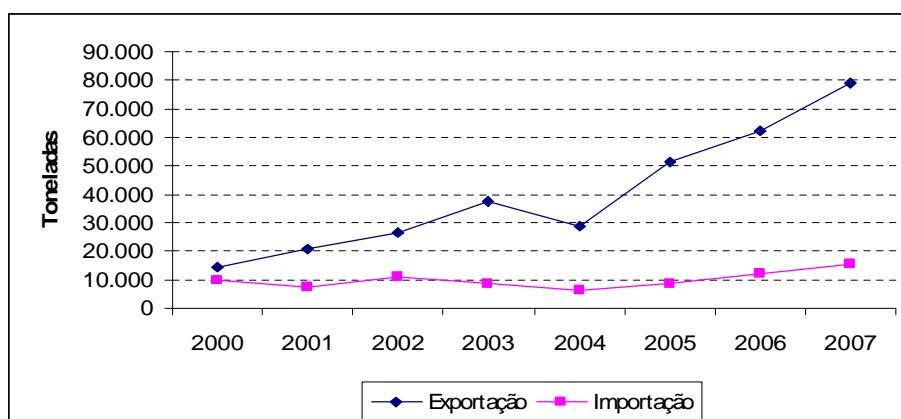


Gráfico 4 – Exportação e Importação Brasileiras de Uvas, de 2000 a 2007.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em MELLO (2008a; 2008b; 2008c).

A Região Nordeste representa, em média, 96,0% das uvas exportadas pelo Brasil, principalmente os Estados de Pernambuco e Bahia, onde se localiza o Pólo de Irrigação Petrolina/Juazeiro. As uvas exportadas pela Região Nordeste se dividem em uvas com sementes (Itália, *Banitaka*, *Red Globe*, Brasil, etc.) e uvas sem sementes (*Festival*, *Crimson*, *Thompson*, etc.). Estas últimas apresentam maior valor de mercado que as uvas com sementes e são preferidas pelo mercado europeu (CARNEIRO E COELHO, 2007).

Pela Tabela 2, evidencia-se que as exportações brasileiras de uvas e seus derivados estão concentradas nas uvas frescas, com valor de US\$ 169,7 milhões em 2007, o que representam 91,3% dessas exportações. O suco de uva representa apenas 6,6% das exportações, o que totaliza US\$ 12,2 milhões. A balança comercial deste complexo é deficitária em virtude do elevado volume importado de vinhos de mesa (US\$ 156,89 milhões em 2007). No entanto, o déficit foi inferior ao registrado no ano anterior, de US\$ 47,89 milhões.

TABELA 2 — Balança Comercial Brasileira de Uvas, Sucos de Uvas, Vinhos e Derivados: Valor em U\$ 1.000,00 (FOB), de 2000–2007

Balança Comercial	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Exportações								
Uvas Frescas	14.611	21.595	33.840	60.005	52.808	107.285	118.535	169.696
Uvas Passas	3	24	54	0,1	48	9	13	8

Suco de Uva	13.811	12.365	10.871	7.841	10.822	10.798	8.368	12.207
Vinhos de Mesa	3.413	2.570	1.093	681	1.594	2.578	2.664	3.686
Vinhos Espumantes	238	145	62	117	239	235	288	193
Total das Exportações	32.077	36.699	45.920	68.643	65.510	120.905	129.868	185.792
<b>Importações</b>								
Uvas Frescas	9.066	6.080	7.166	5.061	4.051	6.591	11.230	14.961
Uvas Passas	16.308	12.237	9.993	13.554	18.970	18.226	24.889	24.447
Suco de Uva	1.692	2.397	925	1.001	681	901	1.588	1.403
Vinhos de Mesa	65.333	63.526	50.186	57.368	75.588	85.495	118.455	156.889
Vinhos Espumantes	11.411	9.352	9.642	11.056	13.298	15.121	21.414	18.323
Total das Importações	103.810	93.593	77.912	88.039	112.588	126.334	177.577	216.025
<b>Exportações (-)</b>	<b>-71.734</b>	<b>-56.894</b>	<b>-31.992</b>	<b>-19.395</b>	<b>-47.078</b>	<b>-5.428</b>	<b>-47.708</b>	<b>-30.233</b>

Fonte: ALICEWEB (2008).

#### 4 – REFLEXOS DA TAXA DE CÂMBIO E DAS IMPORTAÇÕES NO MERCADO NACIONAL DA UVA E SEUS DERIVADOS

A valorização cambial ocorrida nos últimos anos tem levado os produtores de uva e seus derivados a cobrar do Governo medidas de proteção para o setor. A justificativa é que eles têm perdido dinheiro e algumas vezes entrado em prejuízo por conta do menor valor recebido em Real.

Certamente, a valorização cambial traz prejuízos para os exportadores de uva, pois estes têm que vender mais para receber o mesmo montante de antes. No entanto, os preços da uva no mercado externo têm se elevado, compensando as perdas ocorridas com a valorização cambial. O preço médio recebido pela exportação da uva brasileira se elevou entre 2000 e 2007 em 110,7% em dólares, de US\$ 1,02/kg (US\$ 14,6 milhões ÷ 14,4 mil toneladas) para US\$ 2,15/ kg (US\$ 169,7 milhões ÷ 79,1 mil toneladas), conforme observado no Gráfico 5. É bem provável, que esse comportamento se deu em parte pela exportação também de uvas sem sementes, que fez o preço médio da uva se elevar a este patamar.

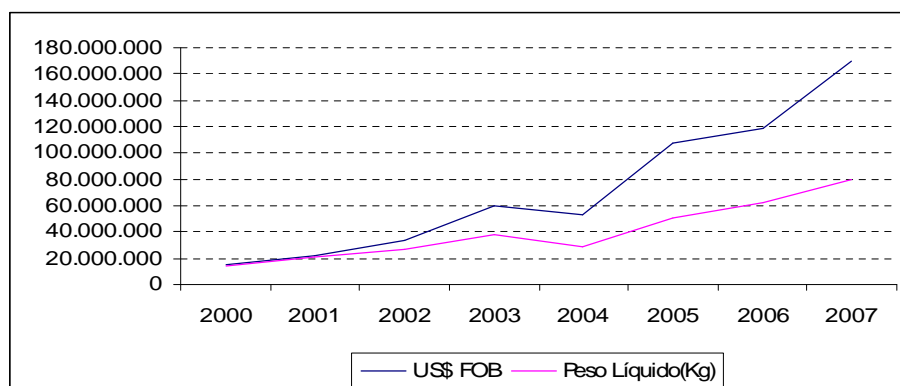


Gráfico 5 – Exportações Brasileiras de Uvas de Mesa, de 2000 a 2007, em Volume (Kg) e Valor (US\$).

Fonte: ALICEWEB (2008).

Quando comparado o valor das exportações em Real, vê-se um maior ganho pelos exportadores, de 122,1% entre 2000 e 2007, passando o quilo da uva exportada de R\$ 1,87 (R\$ 26,8 milhões ÷ 14,4 mil toneladas) para R\$ 4,15 (US\$ 327,9 milhões ÷ 79,1 mil toneladas), conforme observado no Gráfico 6. Esse maior ganho em Real é justificado na verdade pela valorização do Dólar em relação ao Real em 5,4%, nesse mesmo período. O preço da uva, em Real, só iniciou sua redução em 2005, ficando, apesar disso, bem acima do observado em 2000.

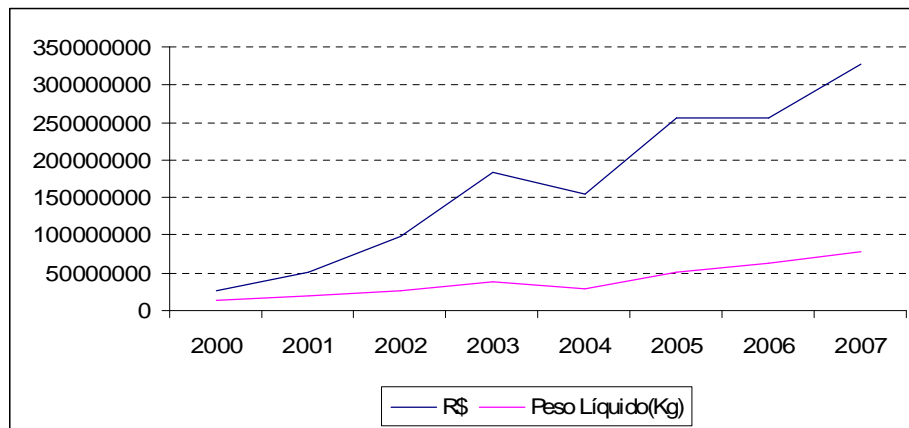


Gráfico 6 – Exportações Brasileiras de Uvas de Mesa, de 2000 a 2007, em Volume (Kg) e Valor (R\$).

Fonte: ALICEWEB (2008); Evangelista e Vidal (2008).

As generalizações podem levar a resultados distorcidos. Existem diversos tipos de uva para exportação, o que varia substancialmente seus valores. Os ganhos com exportação devem ter sido maiores para aqueles exportadores de uvas sem sementes, com maior valor de mercado. Já para aqueles que exportam apenas uvas com sementes, certamente os ganhos foram menores e quiçá pode ter havido prejuízos. Pelo que se observa nos valores exportados nos últimos anos, os produtores ainda vislumbram o mercado externo como bastante promissor, pois de 2005 a 2007 (período de maior valorização do Real), o valor das exportações de uva fresca cresceram 58,2% (ALICEWEB, 2008).

Pode-se chegar a uma análise mais real se consideramos os índices de preços pagos e recebidos pelos produtores rurais (IPP e IPR)<sup>2</sup>, conforme Figura 1. A divisão entre esses dois índices dá a relação de troca do produtor ( $IPR \div IPP$ ). Caso o  $IPR > IPP$ , o produtor está em vantagem, pois tem recebido mais pelo seu produto vendido e pago menos pelos insumos utilizados em sua lavoura. Nota-se que, para o Brasil, o IPR tem se mantido sempre inferior ao IPP, evidenciando que as relações de troca do produtor no período de 2000 ao início de 2008 têm sido desfavoráveis a ele, ou seja, cada vez mais o produtor tem pago uma quantidade maior de seu produto para adquirir a mesma quantidade de insumos. No início desse período, a relação de troca era de 0,83, chegando ao final do período a 0,86, com valor mínimo de 0,67 no primeiro semestre de 2006.

Para os Estados de Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul, grandes produtores de uva, observam-se comportamentos semelhantes para estes dois últimos, enquanto Pernambuco tende a acompanhar o comportamento nacional. No entanto, percebe-se uma condição menos desfavorável para o produtor pernambucano, principalmente no período de 2003 a 2006, época de desvalorização do Real. Para os estados da Bahia e Rio Grande do Sul, a relação de troca do produtor foi superior a 1,0 nos períodos de dez/01 a mai/05, para o primeiro, e de jul/01 a set/04, para o segundo, ou seja, vantajosa para o produtor. Observa-se, portanto, que a relação de troca possui forte correspondência com a taxa de câmbio. Isto se explica pela grande parte dos insumos utilizados na lavoura brasileira

<sup>2</sup> IPR - a Fundação Getúlio Vargas (FGV) pesquisa mensalmente os preços recebidos pelos agricultores na venda, a granel, de 37 produtos. São divulgadas séries de preços nominais (em reais) para os produtos pesquisados nos estados produtores e a respectiva média nacional. Divulgam-se também índices de preços recebidos com abertura por estados e produtos; O índice de preços pagos (IPP) representa os preços médios mensais de insumos utilizados na produção agropecuária, agregados pelos seguintes grupos: agrotóxicos, combustíveis, fertilizantes, mão-de-obra, sementes e serviços. O IPP é apresentado também segundo unidades da federação (FGV, 2008).

ser importada, e ainda, provenientes do petróleo, que obteve forte alta de preço no mercado internacional.

Com esses índices, chega-se apenas a uma aproximação da situação real do setor vitivinícola, pois eles são globais para os estados, envolvendo outras culturas com dinâmicas diferentes de comercialização e utilizá-los para explicar os ganhos ou perdas do produtor de uva pode incorrer em erros.

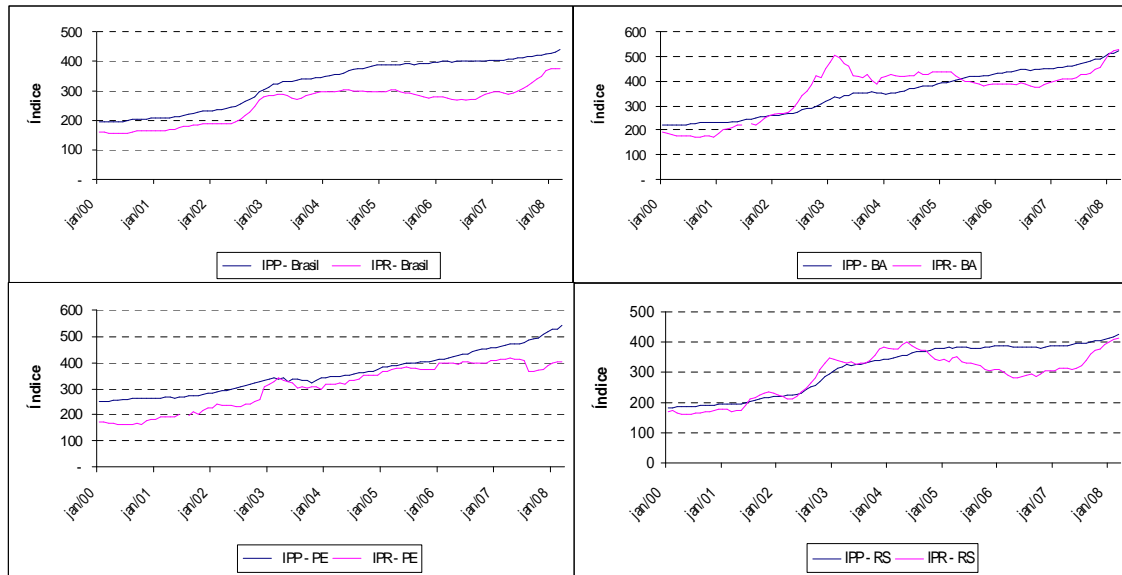


Figura 1 – Índices de Preços Pagos e Preços Recebidos pelos Produtores Rurais para o Brasil, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul, no Período de Jan/2000 a Mar/2008.

Fonte: FGV, 2008.

Quanto ao vinho, as marcas importadas têm concorrido com as nacionais na preferência do consumidor brasileiro. Ademais, tem-se a idéia que os vinhos importados são de melhor qualidade, o que nem sempre é verdade. Assim, os pontos negativos para o setor brasileiro do vinho são os seguintes: a idéia de que o vinho importado é melhor; a valorização cambial; os acordos comerciais entre Brasil e os outros países do Mercosul que facilitam a entrada de vinhos importados da Argentina e Chile e as adulterações feitas no vinho importado para reduzir o seu preço.

A idéia de que o vinho produzido no Brasil é de pior qualidade, comparativamente ao produzido nos países vizinhos, é equivocada. O País produz vinhos de excelente qualidade, inclusive com prêmios ganhos nas principais exposições internacionais. O Brasil é o único país produtor de vinho no mundo que tem nas uvas comuns a principal matéria-prima para o vinho. Nos outros países, o tipo de uva é a vinífera, mais apropriada para a produção de vinhos. Daí a idéia de que os vinhos nacionais são piores. No entanto, o Brasil já consegue produzir excelentes vinhos, inclusive de uvas comuns. O Nordeste Brasileiro tem se destacado na produção de vinhos finos, de reconhecida qualidade, principalmente os vinhos espumantes. Diferentemente do que acontece na Região Sul, as uvas utilizadas no Nordeste para a produção de vinhos são em sua maioria viníferas. Existe uma gama de tipos de vinhos de acordo com a uva utilizada em sua fabricação, porém afirmar que os vinhos brasileiros são de pior qualidade é uma falácia. Há de se verificar a marca e a forma de fabricação desses vinhos, para se constatar a sua qualidade. Alguns vinhos advindos da Argentina, por exemplo, são considerados de má qualidade.

No caso do câmbio, observa-se que de 2000 até 2003, houve uma desvalorização cambial, com os vinhos importados aumentando de preço em Reais, decrescendo a partir de então, quando o Real voltou a se valorizar. O valor médio pago ao litro de vinho

importado em 2000 foi de R\$ 4,09, chegando a R\$ 6,57 em 2003. A partir de então, houve recuo nos preços, chegando em 2007 a R\$ 5,26, valor 5,2% inferior à média do período. Enquanto o câmbio vinha se desvalorizando, os preços do vinho importado vinham aumentando em Real, o que mantinha as importações sob controle e até em redução (-8,5% entre 2000 e 2003). No entanto, a partir da retomada da valorização cambial, as importações deram saltos em volume, alcançando 57,6 milhões de litros em 2007, volume 115,1% superior a 2003, o que inundou o mercado interno, fazendo os preços recuarem substancialmente, levando o setor a uma crise. Os produtores internos não tinham como escoar sua produção, por conta do grande volume importado e os preços estavam em patamares baixos, levando-os a ter prejuízos (ALICEWEB, 2008; EVANGELISTA e VIDAL, 2008).

Com este cenário, os representantes do setor têm solicitado do Governo Federal uma posição para a solução destes problemas. Os produtores nacionais sugeriram aumentar de US\$ 8,00 para US\$ 22,00, o valor mínimo para a entrada da caixa com 12 garrafas de vinho da Argentina, para compensar as perdas sofridas com a variação cambial. A idéia é estender essa proposta para os outros países do Mercosul. Será pedida também a revogação de um acordo entre Chile e Brasil que derruba os impostos de importação para os ônibus brasileiros no Chile, em troca de igual tratamento para os vinhos chilenos no Brasil. O acordo é chegar à alíquota zero até 2010. O Chile foi o principal exportador de vinho para o Brasil em 2007. Essas questões ainda estão em discussão entre os integrantes do setor nos países-membro (BUENO, 2008; LANDIM, 2008; LEO, 2008; ROCHA, 2008; GOTARDELLO, 2008).

Foi aprovada uma lei no final de junho deste ano, alterando as tarifas de importação de alguns itens dos setores têxtil e de vinhos (Lei nº 11.727 de 23 de junho de 2008) (BRASIL, 2008). Ao invés de uma percentagem sobre o valor ("*ad valorem*"), a tarifa deve ser fixa e expressa em Reais por unidade de medida ("*ad rem*"). Porém esta lei é controversa, pois para os produtores nacionais ela servirá para combater o subfaturamento, enquanto para os importadores trata-se de protecionismo disfarçado, o que pode provocar contestações junto à Organização Mundial do Comércio (OMC). O setor de vinhos quer que a tarifa para importação se fixe em R\$ 5,00 por litro de vinho. No caso desta lei, os deputados fixaram o limite máximo de cobrança de R\$ 15,00 por unidade, valor superior ao sugerido pelo setor. Com a aprovação da lei, os produtores lutam agora pela sua regulamentação. Apesar da implantação desta lei, ela não será aplicada à Argentina, segundo maior país exportador de vinho para o Brasil, por ser sócia no Mercosul. Pelo que se observa, ainda se terá inúmeras discussões até que se chegue a um acordo para o setor. Por enquanto, ele vem sofrendo com a entrada maciça de vinhos importados e seus preços reduzidos pela valorização cambial (BUENO, 2008; LANDIM, 2008; LEO, 2008; ROCHA, 2008; GOTARDELLO, 2008).

Para piorar a situação dos produtores nacionais de vinho, outro problema que aflige o setor é a adulteração. Para entrar com valores ainda mais baixos no mercado interno, alguns vinhos chegam adulterados com a adição de água. O setor tem solicitado providências por parte dos órgãos competentes, já sendo possível realizar a análise dos vinhos importados para se detectar sua adulteração. No entanto, parte desse vinho consegue passar pela fiscalização e chegar ao mercado interno.

Dentre as estratégias adotadas pelas empresas nacionais, além da cobrança junto ao Governo de ações para minimizar as perdas do setor, elas estão voltando a produzir marcas de vinhos mais baratos, bem como reduzindo a margem de lucro e negociando com os fornecedores de matérias-primas preços mais baixos. Isto tornaria os preços dos vinhos nacionais mais próximos dos importados e acirraria a concorrência interna (GOTARDELLO, 2008).

## 5 – CONSIDERAÇÕES



Vê-se que o setor vitivinícola apresenta uma situação de risco na conjuntura atual, em maior grau pela desvalorização cambial, que tem afetado de certo modo as exportações de uvas e substancialmente o mercado interno de vinhos. O segmento que tem apresentado maiores dificuldades do setor vitivinícola é o de vinhos. Os produtores têm sofrido com a desvalorização cambial, que impulsionou a importação dos vizinhos do Mercosul, pressionando os preços internos e reduzindo a margem de lucros dos vinicultores. Os outros países-membro do Mercosul possuem acordos preferenciais com o Brasil, como redução dos impostos de importação, o que torna os vinhos desses países ainda mais baratos. A saída foi buscar junto aos órgãos competentes soluções para minimizar os efeitos do câmbio, a revisão dos acordos do Mercosul e novas estratégias de produção e de mercado para que o vinho nacional pudesse competir com o importado.

Pelo lado da uva *in natura*, a situação é menos desfavorável. Os preços internacionais mantiveram uma trajetória ascendente, o que reduziu os impactos da valorização da moeda nacional. O problema é que os insumos também tiveram seus preços elevados por conta da forte alta do preço do petróleo, um dos principais insumos na produção de fertilizantes e defensivos agrícolas. Assim, apesar da valorização do Real, os insumos importados continuaram com preços elevados, ocasionando aumento dos custos e redução da margem de lucro dos exportadores.

Nota-se, portanto, que o setor deve criar mecanismos de compensação para esta situação conjuntural, uma vez que ela, ao que parece, se prolongará por um longo período. Alguns produtores já redefiniram suas planilhas de custos de produção e reduziram suas margens de lucro, com fins de competir de forma equânime com os vinhos importados. Também, têm sido questionados os acordos comerciais entre os países-membro do Mercosul. No caso dos produtores de uvas para exportação, a estratégia é redução de custos e aumento de eficiência em todo o processo produtivo, de forma a minimizar as perdas cambiais. Com esses ajustes, o setor espera recuperar-se, não auferindo os mesmos ganhos de outrora, mas conseguindo manter-se no mercado.

## REFERÊNCIAS

ALICEWEB. Consultas. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

BRASIL. Lei nº 11.727, de 23 de junho de 2008. Dispõe sobre medidas tributárias destinadas a estimular os investimentos e a modernização do setor de turismo, a reforçar o sistema de proteção tarifária brasileiro, a estabelecer a incidência de forma concentrada da Contribuição para o PIS/Pasep e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social – Cofins na produção e comercialização de álcool. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato\\_2007-2010/2008/Lei/L11727.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato_2007-2010/2008/Lei/L11727.htm)>. Acesso em: 19 jun. 2008.

CARNEIRO, W. M. A.; COELHO, M. C. S. G. Vitivinicultura nordestina: características e perspectivas. Fortaleza: BNB, 2007. Série Documentos do ETENE, n. 19.

FGV – Fundação Getúlio Vargas. Divisão de Gestão de Dados. Índices e preços agropecuários. Disponível em: <[http://www.fgv.br/dgd/asp/dsp\\_Agropecuarios.asp](http://www.fgv.br/dgd/asp/dsp_Agropecuarios.asp)>. Acesso em: 20 ago. 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção agrícola municipal. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?e=v&p=PA&z=t&o=10>>. Acesso em: 25 jun. 2008a.

\_\_\_\_\_. Levantamento sistemático da produção agrícola. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 25 jun. 2008b.

MELLO, L. M. R. de. Atuação do Brasil no mercado vitivinícola mundial: panorama 2007. Disponível em: <[http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/panorama2007\\_vitivinicola\\_mundial.pdf](http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/panorama2007_vitivinicola_mundial.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2008a.

\_\_\_\_\_. Produção e comercialização de uvas e vinhos: panorama 2004. Disponível em: <<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/panorama2004-producao.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2008b.

\_\_\_\_\_. Vitivinicultura brasileira: panorama 2007. Disponível em: <[http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/panorama2007\\_vitivinicultura.pdf](http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/panorama2007_vitivinicultura.pdf)>. Acesso em: 23 jun. 2008c.

GOTARDELLO FILHO, W. Salton enfrenta invasão do vinho importado: empresa volta a produzir a marca Castell Chombert, mais barata, após sete anos. Gazeta Mercantil, 23 jun. 2008. Caderno C, p. 5.

BUENO, Sérgio. Estoque grande e importados reduzem preço de vinho nacional. Valor Econômico, 4 jun. 2008. Disponível em: <<http://si.knowtec.com/scripts-si/MostraNoticia?&idnoticia=16252&idcontato=1004&origem=fiqueatento&nomeCliente=FUNCEX&data=2008-06-04>>. Acesso em: 10 jun. 2008.

LANDIM, R. Têxteis e vinho terão nova taxa de importação. Valor Econômico, 13 ago. 2008. Disponível em: <<http://si.knowtec.com/scripts-si/MostraNoticia?&idnoticia=17995&idcontato=1004&origem=fiqueatento&nomeCliente=FUNCEX&data=2008-08-13>>. Acesso em: 19 ago. 2008.

ROCHA, J. Produtores querem elevar barreira a vinho argentino. Valor Econômico, 6 ago. 2008. Disponível em: <<http://si.knowtec.com/scripts-si/MostraNoticia?&idnoticia=17806&idcontato=1004&origem=fiqueatento&nomeCliente=FUNCEX&data=2008-08-06>>. Acesso em: 19 ago. 2008.

LEO, S. Tarifa de valor ainda divide Camex. Valor Econômico, 14 ago. 2008. Disponível em: <<http://si.knowtec.com/scripts-si/MostraNoticia?&idnoticia=18020&idcontato=1004&origem=fiqueatento&nomeCliente=FUNCEX&data=2008-08-14>>. Acesso em: 18 ago. 2008.

EVANGELISTA, F. R.; VIDAL, M. F. A fruticultura no Nordeste e o Câmbio: considerações. Fortaleza: BNB, 2008. Informe Rural ETENE, ano II, n. 4, abr. 2008. (Circulação interna)

Para consulta aos demais números do **Informe Rural ETENE**, clicar sobre o título desejado pressionando CTRL:

### ANO 1 – 2007

Nº1 Jan 2007 – Cadeia produtiva da soja ensaia recuperação em 2007:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=146](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=146)

Nº2 Fev 2007 – Mercado de carne bovina (1) – cenário mundial:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=147](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=147)

Nº3 Mar 2007 – Cenário para a agroindústria brasileira de frutas:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=382](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=382)

Nº4 Abr 2007 – Mercado de derivados de cana-de-açúcar (1) – álcool:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=438](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=438)

Nº5 Maio 2007 – O mercado de derivados de cana-de-açúcar (2) – cachaça:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=595](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=595)

Nº6 Jun 2007 – Desempenho e perspectivas da avicultura industrial:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=599](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=599)

Nº7 Jul 2007 – Condição atual e perspectivas da carcinicultura nordestina:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=654](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=654)

Nº8 Ago 2007 – Balanço e prognóstico de safras:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=655](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=655)

Nº9 Set 2007 – Considerações sobre a produção de Manga:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=656](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=656)

Nº10 Out 2007 – Cera de carnaúba: produção e mercado:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=658](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=658)

Nº11 Nov 2007 – Agricultura orgânica: evolução e desafios:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=662](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=662)

Nº12 Dez 2007 – PNPB (1): Panorama nacional e relato da experiência do Ceará:

[http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd\\_doc=663](http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=663)

### ANO 11 – 2008

Nº1 Jan 2008 – O mercado de derivados de cana-de-açúcar (3) – Açúcar:

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/666110208.pdf>

Nº2 Fev 2008 – Cultivo de tilápia no Brasil: origens e cenário atual:

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/672170308.pdf>

Nº3 Mar 2008 – Cenários e perspectivas 2008 - Setor agropecuário:

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/676140408.pdf>

Nº4 Abr 2008 – A Fruticultura no Nordeste e o câmbio – considerações:

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/678090508.pdf>

Nº5 Mai 2008 – Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (II): Alternativas de matéria-prima:

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/681130508.pdf>

Nº6 Jun 2008 – A agroindústria de alimentos derivados de cacau na área de atuação do  
BNB:

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/685010708.pdf>

Nº7 Jul 2008 – Perfil da Agroindústria no Nordeste:

<http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/686300708.pdf>